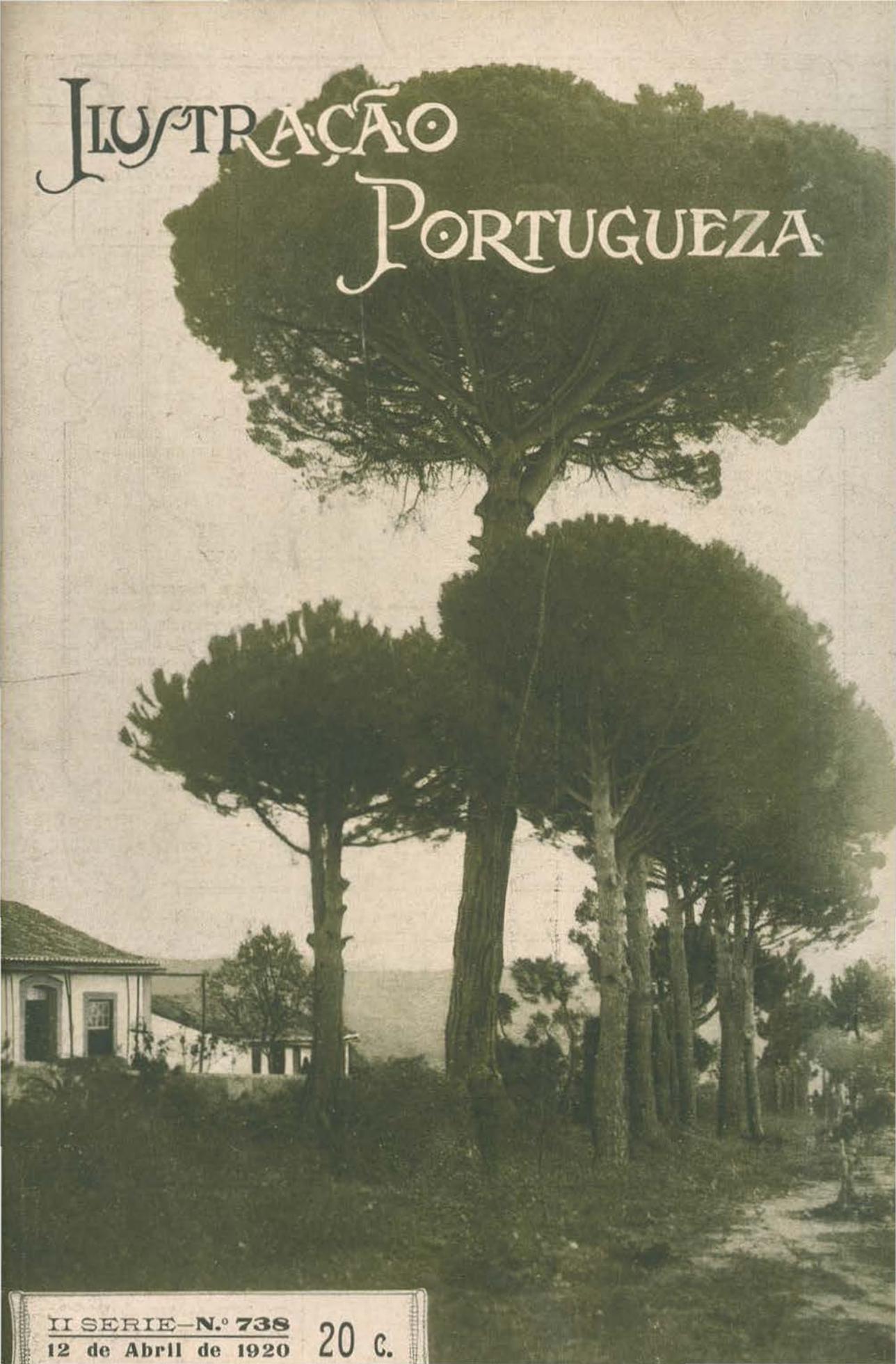


# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SÉRIE—N.º 738

12 de Abril de 1920

20 c.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.  
Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 20 etc.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:  
Trimestre ..... 2\$60 etc.  
Semestre ..... 5\$00 "  
Ano ..... 10\$00 "

Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

## A delicada pele das senhoras

resente-se muito com o vento, com o sol ou com as mudanças de temperatura e de clima.

Usando, porém, o

### Crème de Rosas

que é um maravilhoso produto de beleza, ficarão defendidas d'esse perigo, conservando a pele clara, viçosa, macia, livre de manchas, asperezas, queimaduras, etc.

Produto de venda colossal



Após o crème, devem passar pelo rosto uma nuvem de

### Pó d'arroz "Maria"

produto só comparavel aos melhores do estrangeiro, in-nissimo, garantido, de perfume agradável, que póde usar-se com toda a confiança. Ha em todas as côres.

Preferido por todas as senhoras portuguezas vendem-se em todo o Portugal centenas de milhares de caixas!

A' venda na

*Perfumaria da Moda, 5, rua do Carmo, 7*

o mais artistico estabelecimento de Lisboa e nas farmacias, drogarias e mais importantes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa. Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a *AYRES DE CARVALHO, rua Joens, 31, séde dos escriptorios e fabrica.*

## PINTURA DE CABELOS

EM TODAS AS CORES COM A DURAÇÃO DE 2 ANOS

LAVAGEM DE CABEÇAS COM SECAGEM ELECTRICA. — ONDULAÇÃO MARCEL. — MANUCURE. — TRATAMENTOS ESTETICOS.

## TINTURA YILDIZIENNE

A melhor que ha para pintar os cabelos brancos em todas as cores com a duração de 2 anos

DESCONTOS AOS REVENDÉDORES

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

## Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23

TELEFONE 3641 C.

DEPOSITOS: — LISBOA, Salão Mimoso, Rua Augusta, 282  
PORTO, Bazar Soares, Rua 31 Janeiro, 234



## Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

**Camelia Branca**  
L<sup>o</sup> D'ABEGOARIA, 50  
Cua (chudo) - Telef 3270

Reconstituente  
Alimento Phosphatado

## BANANINE MIALHE

Creancas, Convalescentes,  
Tratamento das enterites

8, Rue Fabert, Paris

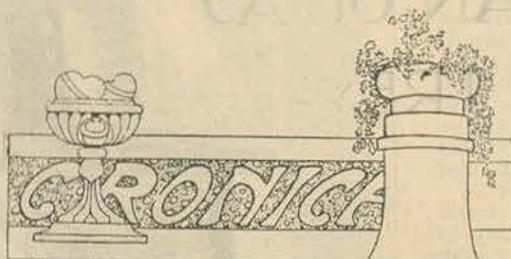
# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 738

Lisboa, 12 de Abril de 1920

20 Centavos



## PAZ

A notícia de que se inventou recentemente um canhão de alcance maior do que o d'aquela com que os alemães atacaram Paris veio encher de de assombro as pessoas que já tinham como certa a solução dos pleitos internacionais por meios pacíficos.



Pois quê? não se está em vespéras do desarmamento geral, não serviram de lição os horrores da ultima guerra, não estavam, finalmente, os homens convencidos de que a destruição era imprópria de seres civilizados?

Que um cerebro fantasioso concebesse a terrível maquina, é aceitavel; mas que, em vez de condenarem o invento, os governos das varias nações lhe disputassem a posse, depois das calamidades por que passaram, eis o que ninguém acreditaria. No entanto foi o que se deu; pagou-se o novo canhão a peso de ouro e o auctor foi proclamado benemerito, por ter encontrado maneira de matar o seu semelhante a muitos quilometros de distancia.

E' licito supor que o kaiser se tenha rido do facto.

## PÃO

Confessamos o nosso erro, sem o menor assomo de arreia, porque não somos vaidosos: o pão de tipo unico é ainda um mito, contra o que tinhamos previsto. Temos ai dois tipos de pão, ambos maus, em geral, e apesar das reclamações que chovem de toda a parte parece que tão cedo o sistema não se modificará e que teremos de tragar a massa heterogenia que o padreiro nos fornece, mal cozida, porque, sem ter conhecimentos de fisica, advinha que o peso é função



da densidade.

Somos naturalmente soffredores e tão habitua-dos andamos a estes especies de trapacaças que se apenas com elas soffressemos em nossos haveres, aconselharíamos a resignação e o silencio; mas o pão crú não se digere, as más digestões originam o mau humor e de tudo resulta o estado de irritação em que todos andamos, com vontade, difficil-

mente reprimida, de nos esmurrarmos a cada hora uns aos outros.

Não procurem no faciosismo, na desigualdade social, na semente revolucionaria ou em qualquer outras das causas sempre apregoadas, a origem da desordem que reina entre nós; procurem-na no pão, que nos azeda o corpo e a alma.

## MINISTROS

A imprensa diaria não tem regateado louvores aos actuaes ministros, mas raro é o artigo publicado a esse respeito que não comece por dizer que suas excelencias não são nenhuns sabios. Ora, tal afirmativa, além de não estar perfeitamente comprovada, parece-nos dispensavel e cremos que, na verdade, os visados serão os primeiros a dispensa-la. A' força de se martelar na mesma nota pode acontecer que seja esta a que fique por mais tempo gravada na memoria, quando isso não devia acontecer: deixem lá a falta de sabedoria e passem adiante.



## VEGETARIANISMO

Encontra-se entre nós um cidadão russo, que não traz na bagagem teorias demolidoras mas sim varios preceitos destinados a demonstrar que a alimentação vegetariana é a que mais convem ao organismo humano.



Não nos diz novidades; já tinhamos prégadores, internos, embora sem exito, quanto ao efeito das prégacoes—mas não nos repugna acreditar que o de fóra seja mais feliz, primeiro porque não é santo de casa, depois porque a ocasião não pode ser mais propicia para nos entregarmos á pastagem: esta representa uma economia apreclavel nos tempos que vão correndo e resolve um problema que tem sido modernamente muito debatido, qual é o do aproveitamento dos terrenos incultos.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

# Os diferentes «Tenorios»

## DON JUAN OU AS «MILA E TRE»



**Os cantores do burlador sevilhano. — Os seus amores, a sua volupia e insaciabilidade. — As lendas. — A sua velhice e o seu testamento.**



Dom João Tenorio é o símbolo d'uma lenda, que desde o século XVII atravessa os tempos. Esse nome — que, no entanto, desde a ultima década deixa, um pouco, de estar na citação verbal e escrita, acompanhando assim as vicissitudes da vida, como tudo o mais — especifica, mesmo vulgarmente, o conquistador amoroso. Fantasiam nele os predicados indispensaveis para a supremacia no comercio do amor, o tipo a consubstanciar idealizações romanescas, que, fóra do imaginario, impossivelmente se efectivariam no tempo e na amalgama humana. Primitivamente, — a reflexão comparativa assim nol'õ dita — depois de haver-se chamado Lusbel e Prometeu, o inimigo e rival dos Deuses, Dom João humanisou-se o bastante para viver em Sevilha e dar motivo a que a imaginação popular o confundisse com o Marquez de Maraña, o sr. de



Calatravas e quantos outros que da libertinagem á impiedade se ufanavam.

Télez, o illustre, se ocupou dessas façanhas de aventureiros, como que reunindo-as n'um só heroi para a alma colectiva, no seu desejo de singelosa e de ingenuidade, melhor e sem maior esforço as poder gosar e compreender, a seu modo. E d'ãi passou para as manifestações da Arte, fornecendo motivos ou dando azo ao espirito inventivo dos mais belos poetas, musicos, pintores dramaturgos, romancistas, filosofos, psicologos, criticos e tantos outros que pairam nas regiões alados do pensamento. D'ele fizeram o tipo do sedutor, brilhante, rico, libertino, impio e sem escrúpulos.

Dom João é mais do que um capitulo da grande obra do amor. E' uma literatura flamante e da aureola que a refulge varios diademas teem sido tirados. O que a seu respeito se tem escrito levaria mais tempo a juntar que o que o seu criado consumira a catalogar as belas, presas nos laços d'esse cupido de capa e espada, penacho, ges-





Uma das scenas culminantes do segundo acto de *A velhice de D. Juan*, no Theatro do Odéon em Paris. Mounet Sully que com P. Barbier a escreveu, representa-a tambem.

to galhardo e dominador, insaciado, insaciavel, matador, resuscitador...

Mas, tambem, — curioso depoimento do fatal contraditar e genio multiplicador e fantasioso das gentes—cada um que d'ele tem tratado lhe imprime qualquer traço novo, diferente, com modos de vêr, de observar e proceder, e, até, se bem se analisar, outra alma, outros cadinhos, vitalidade e diverso ambiente de legenda. E' que a figura, estranha, d'amplos aspectos na sua variabilidade, na sua inconstancia e talvez inconsistencia, margem dá e nada sofre nas modalidades. E' que D. João, principalmente para a maioria, é apenas o Amor-conquista, e no amor a variabilidade e a versatilidade. Se é que tais qualidades devam ser consideradas apagaos do Amor!... Apaixonar-se por todas as mulheres e todas as mulheres por ele se apaixonarem é tudo e vale tudo. Se, por isso, ele como tipo é de todos os espaços e de todos os povos, como caracter literario é fundamentalmente mais do que espanhol, é andaluz. Lá, sempre, o foram buscar.

Don Juan tem sido versado por castelhanos e estrangeiros. Foi o celebre autor dramatico e poeta espanhol Tirso de Molina (1612) o que melhor traçou esse galhardo e seductor, que ganhava o coração das mulheres, para as abandonar, para logo lhes voltar apaixonado. Os seus desaforos e as suas proesas e a sua rasão de ser» encontraram no talento do escritor um maravilhoso artista do verbo e das expressões cavalheirescas, amorosas e lendarias. «El burlador de Sevilla» e «El Convidado de Piedra» nol'o atestam.

Molière (1665) tambem o tratou em cinco actos:

fel-o um pandego, caíndo na hipocrisia para melhor saciar as suas paixões. Byron, como Hoffman, Merimée e Gauthier. Beaudelaire transformou-o n'um frio e cruel egoista. Alexandre Dumas, apelidando-o de Mañara, o fez grave e sombrio, um romantico de romance.

Antes, porém, o imorredouro musico alemão Mozart (1787) no seu «Don Giovanni, composto sôbre versos italianos do Abate Della Ponte, n'um libreto dos mais notaveis que se conhecem, o conservou permanente, enquanto houver cantores que possam oferecer o brilho e o alto encanto da bela, sempre bela musica.

No libreto e na musica (dois actos, transformados em quatro) um verdadeiro «Don Juan» sae. Cantou-se por toda a parte e em Lisbôa em 1886 por Cotogni. Que paginas! Formosissimas e caracteristicas arias. O catalogo das conquistas encontra-se na aria de Leporello, creado de D. João, aria que não passa d'uma exposição feita á sua «madamina» mulher do grande libertino e que diz assim e assim se celebrou:

In Italla seicento  
e quárenta  
In Almagna due  
cento e trinta una  
Cento in França, in  
Turquía novent'una  
Ma in Ispagne,  
son glá milla e trè!

E o «milla e trè» ficou sendo a nota, quer cantada, quer para o comentario ironico atribuido a conquistadores. Ainda hoje «D. João» se canta e se aplaude. Obra prima perfeita, que desafiara a acção do tempo.



Uma das illustrações do *Don Juan Tenorio* de Zorrilla. A freira por P.a



Uma scena do 1.º acto de *A Velhice de D. Juan*, no Theatro do Odeon em Paris. D. José, Candé; Don Juan, Mounet-Sully; Isabel, Mad.me Dux).

Para nós foi Alfredo de Musset, em «*Namouna*», que, como divinal Poeta, alma aberta a todas as concepções, lira que desferia magnificencias, assinalou mais lucilantemente esse infatigavel buscador d'ideal servido por um fascinante poder, e voando de amor em amor, de conquista em conquista, não encontrando senão desilusões...

D. José Zorrilla y Moral é que, porém, conseguiu triunfar, apresentando (1880) uma peça, «*Don Juan Tenorio*», que ficou no palco do seu paiz como um padrão literario e poetico. Não é que esse drama romantico, decalcado aliás nos trabalhos de Dumas Pai e de Della Ponte, seja d'um alto valor scenico. Não. Foi a poesia esplendorosa que sublimou e gravou na mente hespanhola esse Tenorio, de es-



Outra scena: Catalinon, D. José, D. Juan, Isabel e Inês.

todos passionais e psicologicos, de amores e crimes d'um farfante. E' o que se chamará criteriosamente um poema dramatico.

Portugal forneceu tambem — e os cultos de todos os paizes o reconhecem e elogiam — uma magnifica contribuição para a biblioteca Tenorina: «*A morte de D. João*» de Guerra Junqueiro, poema em versos livres, em que o aventureiro aparece despojado de todo o seu prestigio e arrastado pelos vicios á ultima degradação. Faltarã unidade no plano da obra mas é, justamente, considerada culminante.

Tem trechos admiraveis e a «*introdução*», em alexandrinso soberbos, é d'uma eloquencia, d'um acerbo como jámais em lingua portuguesa se escreveu e lá fora muitas não rivalisam.



Uma scena do 3.º acto. (Isabel, D. José, D. Juan, Inês, Fabrion.)

Verdadeiramente perduravel não ha uma só peça teatral sobre Don Juan. A de Zorilla, são oito quadros e só vale pelos rasgos, pela alta poesia.

Muito embora popularissima e representada todos os anos, nos dias consagrados aos mortos (dia de todos os santos, em novembro), e em todos os teatros de declamação, é considerado um facto, pelos criticos, como pertencendo ao rito consuetudinário, a exhibição forçada para não deixar no olvide um capitulo da rebeldia humana, só guiada e sujeita ás duas forças incontestaveis que se chamam o Amor e a Morte.

A historia desse Conquistador e espadachim, menos idealisco que «Cyrano», que nas tabernas conta as suas inumeras seduções, só lhe faltando uma freira no dizer de Mejia, que rapta a freira em seguida, mata gente, foge, faz sair das sepulturas os seus mortos e com eles depois se banquetea... interessa e eleva e prende e arrasta pelo brilho da poesia, que não pela qualidade do valor de alta farça scenica. E, no entanto, ele é o Ideal versificado, D. Inês a amante mais alada da vida, D. Brigida, a melher aia, alcofeira, Méjia o mais desditoso, e o Comendador, malhumorado representante de todos os prejuizos atropelados, nas melhores rimas castelhanas, cantentes, reluzentes...

O falecido tragico francez, Mounet Sully (que já muito velho, só na idade, Lisbõa aplaudiu no D. Amelia) tambem escreveu, de parceria com Barbier, filho do libertista de «Fausto», uma peça em tres actos em verso «La Vieillesse de Don Juan» e por ele representada, em 1906, no Odeon. Não deu o resultado que esperavam, mau grado o relevo do desempenho, o precioso da indumentaria e do pictorial e a formosura das duas actrises. Julgaram-no trabalho incolor, d'um romantismo que não interessava. Cada personagem defendia a sua teoria, eivada de teses de malthusianismo e de schopenhaurismo. D. João é tido na peça como

uma victima e não como um algoz. Conquis-

ta Inês, bate-se e fere Fabião e morre, depois de beijar Cefise e de reconciliar os jovens, tendo dito:

J'ai prattiqué l'amour comme  
un assassinat

Verdade seja que D. José lhe diz:

Tu n'as jamais connu l'amour vrai  
Tu n'as connu que la volupté

Em todas as peças ao espectador só lhe apresentam duas amorosas, d'ái poucos elementos para apreciar as manifestações de variedade e das conquistas D. Joanescas. O libretista italiano é que nos mostra tres — «mila e três» só em Espanha — e conquistava «camarieri, cittadini, u'han contesse, baronese, marchesini, principesse e u'han donne d'ogni grado e d'ogni forma, d'ogni età!».

Henri Roujon escreveu um livro declarando que D. João ao morrer se arrependera da sua vida aventureira e deixára aos vindouros a prescrição de que n'um casamento e no amor unico estava a felicidade.

A peça de Lavedan «Le vieux marcheur», que Lisboa viu por Le Bargy, não é mais do que o canto de cysne d'um D. João dos tempos da decadencia.

A opera «D. João» era a corõa do nosso patricio barytono Francisco Andrade, Regina Pacini era uma ideal Lisabela.

O teatro chamado Nacional vai — á hora em que este artigo sair — dar recitas da nova peça de Julio Dantas em que «essa figura, aprendida em Tirso e bebida em Zorilla será naturalisada». Não faltam predicados ao Escriitor. O restoá critica pertence.

O falecido Fernando Caldeira, o mavioso poeta e dramaturgo da «Madrugada» e da «Mantilha de renda», deixou uma traducção da peça de Zorilla, que ainda se conserva inedita.

Se para a lenda, D. João foi um homem amando todas as mulheres, para a literatura é o que os franceses costumam chamar uma «panachée».

José Parreira.

# MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

## A ABERTURA DAS NOVAS SALAS



**E**mbora a sua constituição não tivesse sido conseguida sem bastantes dificuldades e algumas contrarições, a Natural dos «Amigos do Museu» e a mais simples possível. Nomeado para a Direcção do Museu Nacional de Arte Antiga, em 1911, o sr. dr. José de Figueiredo pensou logo na criação de um grupo análogo aos dos Museus estrangeiros bem organizados, grupo que não só reunisse materialmente o museu, supellido o mais possível as necessidades vertidas do Estado, mas que prestasse também o indispensável auxílio moral, criando em volta d'essa instituição a atmosfera de simpatia que a qual grande diplomacia e admirável tenacidade, o director do Museu conseguiu no breve, ver a sua ideia realisar por um pequeno constituto de elementos valiosos. Foi esse núcleo, composto apenas de algumas dezenas de pessoas, que o sr. dr. José de Figueiredo reuniu no Palácio das Justas Verdes para a abertura do mu-

zeu, também, na exposição de obras de pessoas estranhas ao grupo, entre as quaes se destacam o admiravel Ribera, offerecido a Paris, ao sr. dr. José de Figueiredo, pelo sr. Georges Dorez, que offereceu tambem tres magnificas miniaturas do século XVI e uma excepcional peça de balança do século XII, provenientes das occupações de Hespanha. Legados effectuados ha apenas um, um interessantissimo alto-relevo, em terracotta, «A adoração dos pastores», doado pelo fidejussor general Jacinto Amorim, o legado do actor Augusto Rosa, que era tambem antigo do «grupo». Merece ainda menção especial o «Cristo Morto», bella pintura italiana do século XVI, da escola de Padua, no estylo de Mantegna, offerecido a Lisboa, Claudio de Sauter, que fez parte dos corpos gerentes dos Amigos do Museu, e a «Eco do Humo», illumura datada e assinada, de Estevez Goccal-



Sr. Dr. José de Figueiredo, director do Museu Nacional de Arte Antiga e fundador do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.



Uma das salas inauguradas



Outro aspecto das salas inauguradas

projecto de estatutos, approved, com algumas modificações, em 1912. Data posterior a fundação do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.

o projecto de estatutos, approved, com algumas modificações, em 1912. Data posterior a fundação do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.

Uma das salas inauguradas

o projecto de estatutos, approved, com algumas modificações, em 1912. Data posterior a fundação do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.

Outro aspecto das salas inauguradas

o projecto de estatutos, approved, com algumas modificações, em 1912. Data posterior a fundação do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.



Os membros do Conselho de Administração do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.

veza, aberta de noite Quatro Inocentes, de Angelo da Massa, O sr. Adriano José Coelho mandou fazer, por um modico for a pedido pelo Director do Museu, o projecto que fôr a sala, e o sr. A. Amorim de Macedo a cargo a bella pintura de Renascença que encadrou o pintor de Cytobom de Figueiredo, «Disposição do Cristo no Túmulo».

Para terminar, ainda as seguintes obras:

As quatro annas que, no fim de 1912, adquiriram logo a 1.200\$00, offere-

o projecto de estatutos, approved, com algumas modificações, em 1912. Data posterior a fundação do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.

o projecto de estatutos, approved, com algumas modificações, em 1912. Data posterior a fundação do Museu Nacional de Arte Antiga e Museu de Arte Antiga.



José de Ribera, escola hespanhola (seculo XVII), oferta ao Museu do sr. Georges Demotte, de Paris.



Abraham Mignon, escola holandesa, seculo XVII), Nova aquisição do Estado.



Jean Penicaud, II — Limoges, (seculo XVI) *O Juizo final* oferta dos srs. Adriano Jullo Coelho e Luiz Fernandes.

ção da biblioteca privativa do Museu, biblioteca que é já hoje importantissima e unica no genero no paiz, tem tido, dos «Amigos do Museu», o mais dedicado auxilio, sobretudo da par-

te do benemerito Presidente do Conselho Director, sr. Luiz Fernandes, a quem essa secção do Museu deve numerosas e valiosissimas publicações.



Contador holandês (seculo XVII), oferta da sr.ª D. Aurora de Macedo e dos srs. Adriano Jullo Coelho, Henrique M. de Mendonça e Luiz Fernandes, amigos do Museu. (Cliches: Serra Ribeiro).



## NO EXODO DA VIDA

*A' memoria de Manoel Laranjeira*

...só me assusta  
ter tido tanta fé na vida injusta,  
e não saber sequer p'ra que a vivi.  
(D'um livro do Suicida)

Morta uma vida, o sonho que floriu  
na tortura do craneo que o gerou  
foi um mundo perfeito que ruiu  
e que a algidez da morte aniquilou.

Tanta beleza o coração sonhou,  
tanta verdade o espirito anteviu...  
e tudo, por sarcasmo, se findou  
na amarissima dor que se extinguiu.

Que naquele momento alucinante  
quando a sombra da morte enturva o olhar,  
e a grande fé vacila agonisante;

a derradeira lagrima vertida,  
é tardia verdade a demonstrar  
o sofrimento inutil d'uma vida!

AUGUSTO RICARDO

de Augusto Ricardo  
off 27/12/1920

# A Semana Santa



Semana Santa, a semana da tragedia dulcissima e mortificada do Calvario.

Tudo na vida tem passado: Reis, imperadores, papas, imperios, republicas, nababos, poderes, odios, revoltas, vinganças. Tudo passou, só a doce figura do Nazareno ficou pelos seculos dos seculos, chamando todos os anos a mesma concorrência aos templos, de fieis. E largos dias tem cem anos, mas o homem cansado das lutas egois-

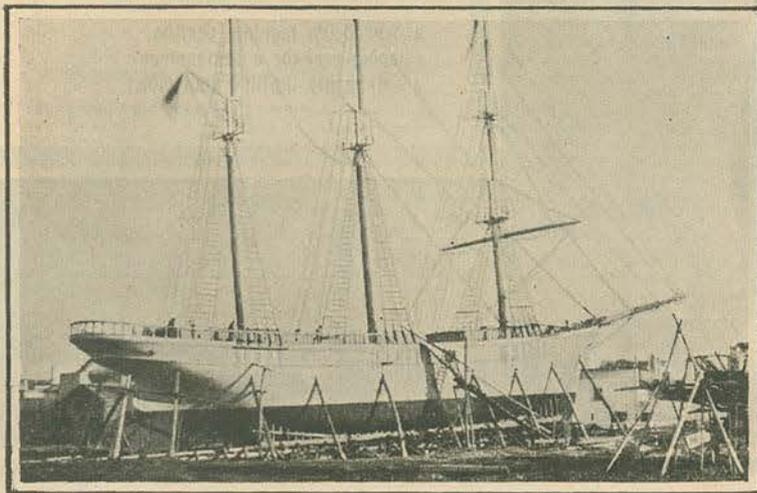


A romaria ás egrejas, dois aspectos do mesmo caso

tas dá nesta semana treguas ao seu espirito belicoso. Dá treguas e se tem mais do que isso para dar dá as amendoas, que é uma coisa do ritual, embora hoje tenham pouco assucar e tenham um preço que só de onvil-o dá indigestões.

(Clichés Serra Ribeiro).

## AS NOVAS CONSTRUÇÕES NAVAES O Lugre Famalicão



O lugre Famalicão

A guerra veio activar as nossas construções navaes revivendo assim uma industria que vegetava apenas. Agora acaba de ser lançado á agua no rio Cavado o lugre *Famalicão*, propriedade da importante Sociedade de Navegação e Pesca de Espozende Limitada, acto que constituiu um verdadeiro triunfo para a empresa construtora.

Assistiram a ele o governador civil do distrito, dr. Fonseca Lima, e grande numero de pessoas de Espozende, Famalicão e Barcelos e doutros concelhos.

# Vida Artística

A EXPOSIÇÃO  
Lima Cruz  
e sua Filha  
no  
Salão Bobone



Maria Adelaide — Uma pintora de 11 anos

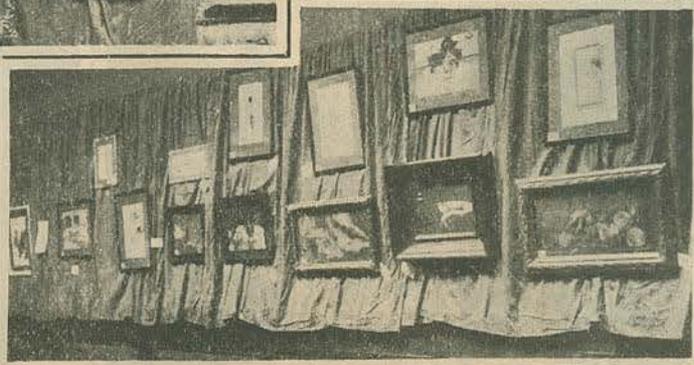
A Sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Lima Cruz e sua filha Maria Adelaide, uma pequenina pintora, pois apenas tem 11 anos, expuseram no Salão Bobone. E' uma exposição curiosa esta, pois que se D. Adelaide Lima Cruz é uma artista já conhecida, quer no mundo musical quer no mun-



A pintora D. Adelaide de Lima Cruz



do da pintura, sua filha é uma verdadeira revelação. Se a mãe honra o mestre, Carlos Reis, a filha honra a mestra, sua mãe. E se aquela tem a tela *Metaes* e *Os primeiros cuidados* que são cuidados e perfeitos trabalhos, esta tem no grupo *Impressões e caricaturas* flagranças verdadeiramente notáveis. E até uma sua aguarela *Canto de cozinha* merece que se destaque, pois nenhum artista d'aquella idade poderia pensar em fazer melhor. Se resumir quizermos, a exposição Lima Cruz foi uma exposição bem curiosa. E tanto que mereceu da critica e dos visitantes os maiores elogios.



1. «A compositora».
2. Aspecto da exposição.
3. Outro aspecto do Salão Bobone.
4. «Os primeiros cuidados».

(«Clichés» de Serra Ribeiro)

# ATUALIDADES

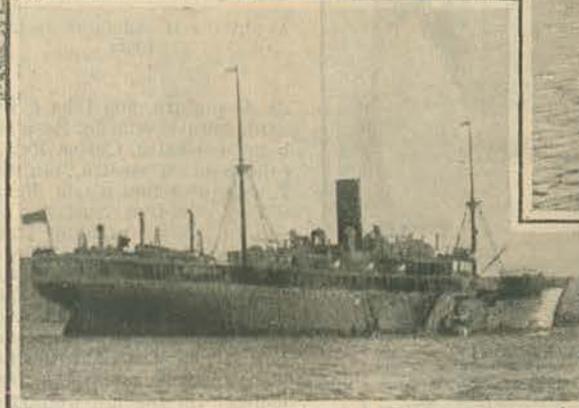
O vapor ex-alemão «Desertas» é um magnifico vapor de 3000 toneladas que em Novembro de 1916 encalhou nos areiaes de Aveiro. Lá foram engenheiros ingleses vel-o e lá disseram que o melhor seria destrui-lo, pois impossivel era tiral-o d'ali. Tirou-o o engenheiro Antonio Mendes Barata e aqui o damos atracado ao caes de Santos pronto a navegar depois de tres anos e tal encalhado. E porque isto é uma obra notavel da engenharia portuguesa no proximo numero diremos algo mais de pormenores ireditos sobre o assunto, que já no nosso n.º 714 foi tratado.

Entrou pela primeira vez no nosso porto o paquete «Guildford Castle», em que seguiu para a Africa o novo governador dos territorios da Companhia do Nyassa e demais funcionarios. A bordo houve um banquete em que se trocaram affectuosissimos brindes.

A Belgica e a França acreditaram os seus novos ministros no nosso paiz junto do sr. presidente da Republica. O da Belgica, sr. Conde de Baudoin de



O «Desertas» atracado ao caes de Santos em Lisboa



O paquete *Guildford Castle* que pela primeira vez velu ao Tejo



O novo ministro da Belgica



O novo ministro da França, sr. William Martin

(Clichés Serra Ribeiro)



Os empregados dos C. T. retomam o trabalho. (Clichés Serra Ribeiro)

Lichterveld e o da França, sr. William Martin, foram recebidos



O Dr. Don Aurellano de Bernete y Moret, director do Museu do Prado

as simpatias que os paizes heróicos que ambos representam nos merecem. As nossas gravuras representam os illustres diplomatas saindo do palacio de Belem.



Amílcar Cardoni, o brilhante jornalista brasileiro

em Belem com as honras inherentes aos seus altos cargos e

## OS MORTOS DA SEMANA



Príncipe D. Lutz d'Orleans e Bragança

Faleceu em consequencia de uma pneumonia.

Nasceria em Petropolis em janeiro de 1878, casara em 1908 e era autor do volume *Sous la Croix du Sud*.



Julio Costa

Um velho servidor da imprensa.

A sua morte foi muito sentida, pois era um homem de bem este que a morte acaba de levar.



Dr. João Batista Osorio de Castro

Pae da escritora sr.<sup>a</sup> D. Ana de Castro Osorio e juiz de Direito aposentado.

Tinha 75 anos, algumas obras juridicas publicadas e uma riquissima biblioteca.



Antonio Joaquim Alves Diniz

Antigo e conhecido commerciante, ex-director da Companhia Mercantil.

Tinha 70 anos era um verdadeiro trabalhador e foi sempre muito estimado.

Os empregados dos Correios e Telegrafos retomaram as suas funções. Ainda bem que a pouco e pouco se vão debelando as negregadas grêves.

Esteve entre nós o director do Museu do Prado que na sala da Academia das Sciencias fez duas interessantes conferencias, e ainda entre nós se conserva Amilcar Cardoni, jornalista brasileiro que a Portugal para a *Rasão*, de que é secretario e para o *Rio Jornal* veio colher as suas impressões.

Das bombas ultimamente rebentadas a que mais serias consequencias teve foi a que depuzeram á porta da casa do construtor Zacharias Gomes de Lima.



A porta do predio da rua da Conceição da Gloria, 95, destruida pela explosão da bomba.

Além de destruir a porta matou já 3 pessoas, estando outra á morte, e ficando mais 3 feridas.

São assim os efeitos da propaganda pelo facto. Apenas conseguem propagandear a morte, o assassinio de desventuradas e inofensivas creaturas.

A' porta das padarias a bicha não acaba mais.

E' que o pão de 2.<sup>a</sup> é pouco e, pão dos pobres, é tambem mau.

Ainda assim a Moagem sonega-o ou deixa de o fabricar.

E' reparar na expressão dos desventurados que es-

peram e pensar se a revolta e a desolação são por acaso palavras vãs, apenas.



A bicha tragica do pão de segunda, um mito.

(Clichés Serra Ribeiro)

1841

1920

AGENCIA INTERNACIONAL

DE

INFORMES COMERCIAES

**R. G. DUN & Co.**

*Fundada em New-York em 1841*

247 SUCURSAES NAS CINCO PARTES DO MUNDO

**79 anos de existencia**

Unica agencia de Informes Comerciaes que possui  
**ONZE SUCURSAES** proprias na Peninsula:

*BARCELONA* . — *Calle de Bilbao, 198*  
*BILBAO* . . . . . — *Calle de la Estación, 5*  
*LISBOA* . . . . . — *Rua do Comercio, 103*  
*MADRID* . . . . . — *Calle Nicolas Maria Rivero, 8-10*  
*MALAGA* . . . . . — *Alameda de Wilson, 19*  
*MURCIA* . . . . . — *Plaza de Cetina, 2*  
*PORTO* . . . . . — *Rua do Almada, 10*  
*S. SEBASTIAN* — *Calle Garibay, 22*  
*SEVILLA* . . . . . — *Calle Cánovas del Castillo, 14*  
*VALENCIA* . . . . . — *Calle de Sorni, 2*  
*VALLADOLID* — *Calle de la Constitución, 7*

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**  
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

**M. FONT**

Director geral para a Europa Occidental



**A. MASCARÓ**

Director para Portugal e Colonias

1920

1841

**O passado, o presente e o futuro** revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa

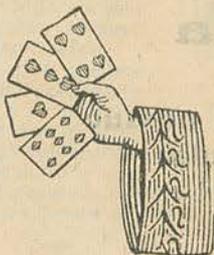


**M.<sup>ME</sup> BROUILLARD**

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis.

**M.<sup>ME</sup> VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE**



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

**Mães! sem leite**

Ou com insuficiencia para amamentar os filhos e que se queiram robustecer, tomam a VITALOSE, que sendo um preparado de sabor muito agradável, lhes traz imediatamente uma grande abundancia de leite forte e purissimo, seja qual fór a circumstancia em que se empregue, ao mesmo tempo que as nutre consideravelmente, creando os filhos fortes e sadios sem os perigos dos «biberons» e amas mercenarias.

Assim o atestam publicamente os mais illustres e considerados medicos, e n'este facto está justificado o enorme consumo d'este conhecidissimo preparado, não só em Portugal como em muitos outros paizes onde está registado.

Recomenda-se todo o cutdado em verificar se todos os rotulos levam indicação do seu preparador Augusto P. de Figueiredo e da Farmacia J. Nobre como seu deposito geral, rejeitando sempre como suspeito qualquer outro preparado que não tenha esta indicação de garantia.

A VITALOSE vende-se em todas as boas farmacias e drogarias e em LISBOA na Farmacia J. Nobre, Rocio, 110; em COIMBRA, na drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 34 e no PORTO, na Farmacia Dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Preço 2\$500. Pelo correio mais 600 réis.

Vêr na proxima quarta-feira o

**Suplemento de Modas & Bordados**

(Do SECULO).

Preço 4 centavos.

**Menstruação**

Com as menstruais reg.<sup>ta</sup>

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tonica e reconstituinte seja qual fór o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com instruções 3\$00 e correio 5\$10. Lab. e Deposito: V. Ferrão, L. da Saude, 14.—Quintans, R. da Prata, 194.—Azevedos, Rocio, 31.—Netto Natividade, Rocio, 122—LISBOA.

Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua 84 da Bandeira, 235.—Em LISBOA: E.

**TONIKIM**

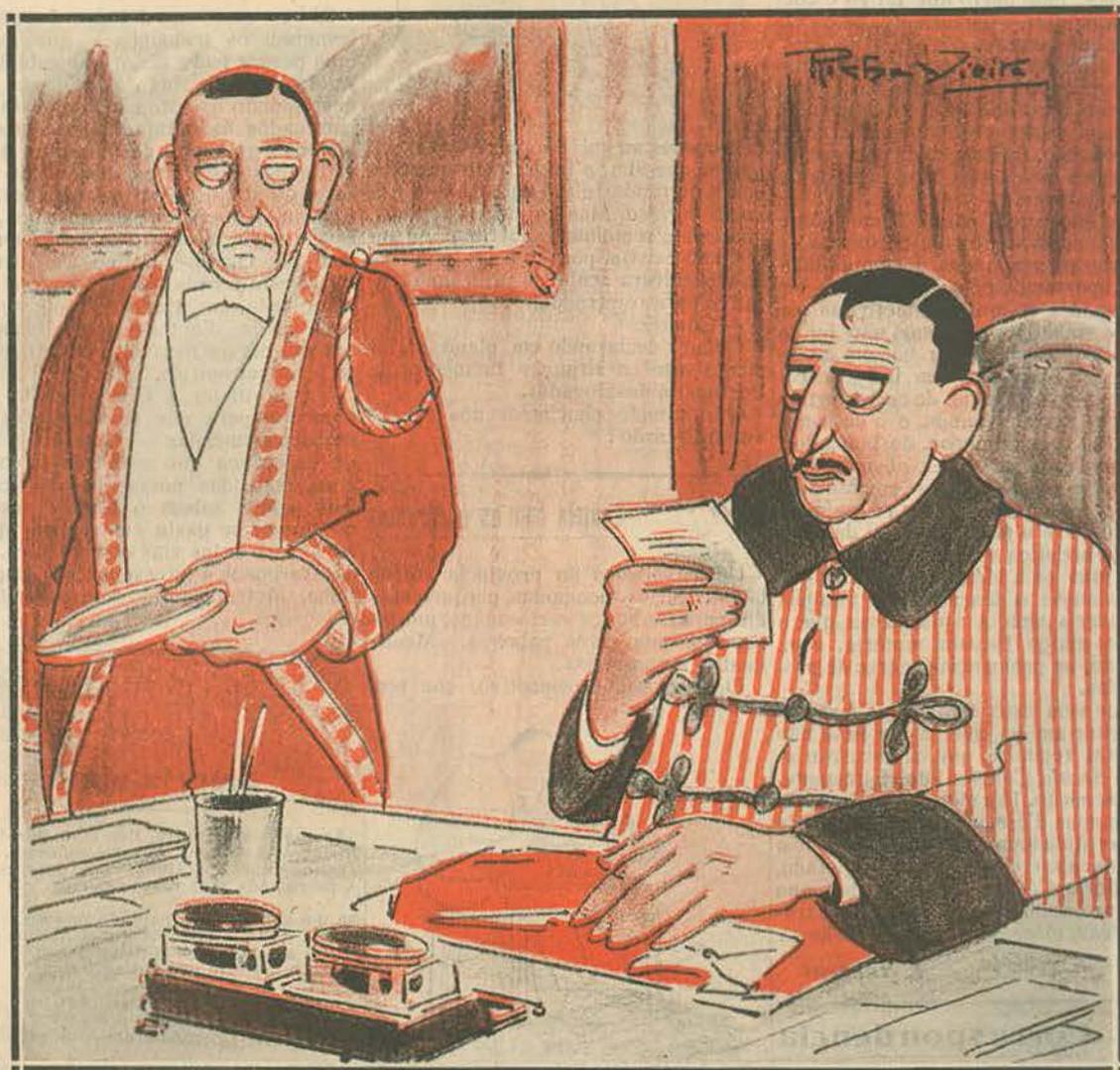
O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.ª, E.—Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central.—No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.



Redação. Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

## PRIMEIRA FORMA



Recebendo uma carta:  
— Foi expedida apenas ha 15 dias da Outra Banda... Bem: já se vê que os serviços dos correios estão normalizados.



## PALESTRA AMENA

## TER IDÉAS

Toda a gente sabe o que é uma idéa, mesmo a que não tenha frequentado uma certa cadeira liceal que dava pelo nome de «filosofia» e que era uma patacoada de se lhe tirar o chapéu; mas o que nem toda a gente sabe é que ter uma idéa geitosa representa um trabalho cerebral extenuante, superior, ainda que mal nos esteja dizê-lo, ao de fazer um par de botas ou aplinar uma taboa de pinho.

E o que também geralmente se ignora é que muitas vezes as idéas que se vêem realizadas não pertencem a quem as realizou; este dá-lhes a forma plástica, torna-as, por assim dizer, palpáveis, pelo trabalho manual, mas outrem as criou, outrem fritou a mioleira para conceber, num parto que fatiga e chega a aniquilar o parturiente, pelos esforços que emprega.

Em literatura o facto que apontamos representa uma excepção; quasi sempre o livro que lêem foi concebido por quem o escreveu, a peça teatral, a que assistem, foi concebida pela pessoa que figura no cartaz. Mas se se trata de caricaturas...

E' aí que bate o ponto. Temos sobre a nossa mesa centos de periodicos de caricaturas, assimadas por notabilidades e apostamos com quem quizer em como a idéa do maior numero das paginas e vinhetas que vemos não foi do caricaturista, mas d'um homem de letras e que foi este quem fez a respectiva legenda. O nome do caricaturista aparece, correu mundo, e o do inspirador, do suggestionador, do indicador, ou como se lhe quizer chamar, fica occulto. Sem duvida, não se comete uma falta, porque o caricaturista é realmente «autor» e a parte material da composição artistica é muitissimo, é quasi tudo; mas se a idéa desapareceria se não existisse o desenho, este também não viveria sem a idéa, coisa que o proprio amigo Banana notaria, sem, contudo, se pronunciar ácerca de preferencias.

A que vem este arrazoado? A dizer-vos, leitor amigo, que cá por casa não reina tal regimen, que os caricaturistas do *Seculo Comico* são, felizmente, uma excepção. Fervilham as idéas nas cachimonias d'esses mancebos, são de uma fertilidade assombrosa, e é isso o que nos apraz deixar hoje registado, para gloria d'eles e exemplo dos que de futuro venham aqui trabalhar: tragam idéas, idéas, idéas, idéas...

J. Neutral.

## Correspondencia

M. C. — Pode cantar a letra que compoz com a musica do *Fado das mãos*, porque está conforme. E já que está com as mãos na massa, faça outra para o *Fado dos pés*.

## «Poisson d'avril»

Escusamos de estar com explicações: o leitor é sufficientemente ilustrado para saber que «poisson d'avril» nada tem que ver com o pescado e que significa a mentira, a intrujice, etc. que os francezes costumam inventar no dia 1.º d'abril, para disfrutar do proximo.

O habito não se adaptou entre nós,



pelo menos no sul do paiz — no norte parece que sim, a julgar pelo que nos conta o grande Julio Diniz na sua *Familia inglesa*. Mas no sul, repetimos, não existe semelhante costume, ou antes, não existia, porque o sr. ministro da agricultura acaba de fazer uma tentativa para o introduzir.

— Como?

Como? declarando em pleno parlamento que «a situação financeira de Portugal é desafogada».

Que grande chuchador nos saiu o nosso Ricardo!

## Cautela com os telegramas

Um cavalleiro da provincia sofreu ha dias sérios incomodos, porque expediou para Lisboa, a certo amigo, um telegrama com estas palavras: «Manda quatro automoveis».

O telegrafista respectivo, que tem



olho, pensou immediatamente que ali haveria marosca, cifra, ou coisa assim, e que o sentido completo do telegrama era: «Manda quatro automoveis carregados de batatas».

Preso o expedidor, como suspeito de

querer açambarcar o precioso tuberculo ou vende-lo por preço superior á tabela, veiu a averiguar-se que se tratava d'um casamento e que eram realmente automoveis vasilos o que o homem desejava, para os noivos, padrinhos e convidados.

De onde é de recomendar o maior cuidado aos srs. funcionarios telegrafopostais, para evitar futuras sensaborias. Imagine-se, por exemplo, que o provinciano tinha escrito: «Manda flores de laranja» e que o telegrafista suspeitava que as flores significavam hortaliça—tomates, para não irmos mais longe. Ai ficava a noiva privada do simbolo e quiçá do marido, porque ha muitos que não vão lá sem esse tempéro.

## Pum!

E' bem certo que debaixo dos pés se levantam os trabalhos e que nunca uma pessoa pode dizer que está bem. Agora, quando tudo caminhava tão bem quando os estomagos já estavam habituados ás batatas pôdes a onze vintens e ao azeite de purgueira a nove tostões — eis que o desmancha prazeres do sr. José Maria Rodrigues, da Academia das Sciencias de Lisboa, nos revela que a inscrição latina do monumento de D. José 1.º, no Terreiro do Paço, está errada! Ha lá um *finit* que não é nada, um *eques tris* por *equetres*, além d'outras irregularidades que até parece incrível como até agora se tem consentido.

Vai-se officiar á Comissão dos Monumentos para que se proceda ás necessarias emendas — e é esse um raio de esperança que atravessa a caliginosa noite das nossas preocupações, mas como sabem o tempo que no nosso paiz se gasta em realizar qualquer coisa pelas vias competentes, nós alvitriaríamos a intervenção do Baptistinha. Metralhadoras com o *finit* e o *eques tris*.

## DE FÓRA

(A sério)

## Amoris vim!

Não me posso ludir. Por mais que tente distarçar este amor que me consome, Tenho sempre nos lábios—como um crente— A perfumada resa do teu nome!

Se me afasto de ti, baldado intento, Com a distancia cresce o meu fervor E fica a envolver-te o pensamento. Como o luar em torno d'uma flor...

Se pretendo matar os meus desejos E busco n'outros lábios o prazer, Jamais exp'rimentado, dos teus beijos,

— N'uma aneddotada irreprimida e louca— Cerro o olhar para melhor te ver E beijo n'outra boca... a tua boca...

Março de 1920

PAULO DE SOUSA BENEVIDES

(Do livro em preparação *Cristalizações*)

**Que grande coisa!**

Com um ponto de exclamação, que se nos afigura inteiramente deslocado, o *Seculo* narra que, desde a implantação da Republica, 5 de Outubro de 1910, já tivemos 366 ministros, assim discriminados:

Presidentes de ministerio.....	27
Ministros do interior.....	35
» da justiça.....	32
» das finanças.....	37
» da guerra.....	30
» da marinha.....	34
» dos estrangeiros.....	41
» do commercio.....	34
das colonias desde 24-8-911.....	33
da instrução » 7-7-1913.....	25
do trabalho » 16-3-916.....	14
da agricultura » 9-3-1918.....	14
das subsistencias, desde 9-3-1918 (extinto).....	3
dos abastecimento desde 9-10-1918 (extinto).....	7
Total.....	366

Assim, em feitto de mapa e com muitas parcelas, parece uma enormidade, mas a verdade é que, n'um exame de-tido, toda a admiração desaparece.



Vejamos: quantos dias decorreram desde 5 de Outubro de 1910 até hoje? 3376, se não estamos em erro. Agora dividamos 366, numero de ministros, por 3376: quociente  $\frac{9}{100}$  aproximadamente. Ora estão, nove centesimas partes d'um ministro em cada dia, é muito para um paiz d'este tamanho? Já é vontade de reopntar!

**Fiat lux**

Os jornais de ante-hontem publicaram a seguinte noticia:

«O almirante sr. Leote do Rego esteve conferenciando esta tarde com o sr. presidente do conselho».

Isto, á primeira vista, parece que não tem importancia nenhuma, mas engana-se quem tal supuzer. Liguem esse facto com o da supressão da iluminação publica em Lisboa e dão no vinte: temos holofote, pela certa.

**EM FOCO****Eliezer Kamenetzky**

*Esse da Russia Eliezer famoso,  
Que temos entre nós, diz a gazeta,  
O nojo contra o bife e a costeleta  
Prega por toda a parte, sem repouso.*

*Isso da carne produzir o goso,  
Segundo o mesmo diz, é tudo peta;  
Ele proprio come herva, ali, á preta,  
E está forte, gorducho, majestoso.*

*Outrem duvide, eu não, da panacea,  
De que o nosso organismo pede talo,  
Cevada, grama, ortiga, feno, aveia.*

*Ha muitos anos já—por que negal-o?—  
Que eu tenho assim uma ligeira ideia  
De sermos uma especie de cavalo...*

BELMIRO.

**O roubo do hadalo**

Desapareceu do gabinete da presidencia do Tribunal da Relação de Lisboa uma campanha de prata, com grande valor historico e intrinseco, prometendo-se generosa recompensa a quem a restituir, além de se desistir de qualquer procedimento judicial contra quem quer que seja.

Estamos em que o gatuno, em vista do exposto, se humanisará...

Agora perguntará o leitor como nas barbas d'um juiz se pode fazer um furto semelhante e nós responderemos com o seguinte facto.

Havia d'antes uma sineta suspensa



da parede junta da porta de entrada do edificio das-côrtes. Certo dia, um cidadão encostou uma escada á parede, em pleno dia, subiu e tirou socegradamente a sineta do seu logar. Em seguida desceu, meteu a escada debaixo do braço e á sentinela, que lhe perguntou para que levava a sineta, respondeu:

— Para concertar.  
Até hoje. Já lá dizia o outro que não ha nada novo debaixo do sol.

**Torre de Chifre****Abril**

Já cantam nos arvoredos  
Os rouxinóis tão gentis  
Que andam a dizer segredos  
A's fêmeas juvenis.

Já pendem folhas nas faias  
Que dão sombra aos namorados  
E á noite entre as olaias  
Treme o luar, ha trinados.

Vai o regato a murmurar  
Uma canção sincera  
Vinde, vinde, escutar,  
E' a canção da primavera.

Dá-me a tua divina mão  
Feita de neve branquinha  
E aberta com comçoção  
A outra mão que é a minha!

Se n'uma barca doirada  
Nós fossemos nawegando  
Na margem emaranhada  
Seguiam-nos aves em bando.

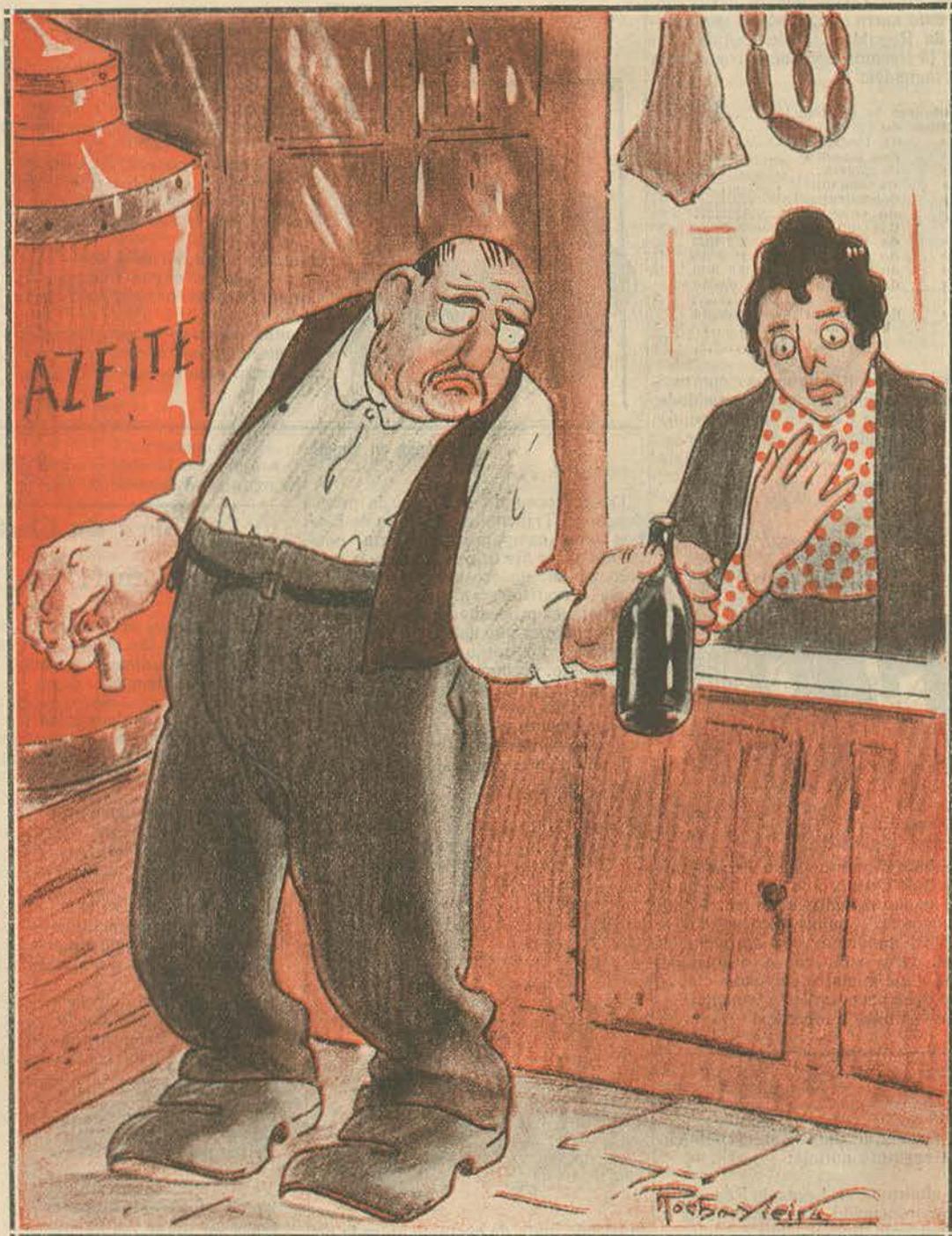
E' este o poema d'abril  
São estrofes os olhos teus,  
Folhas o ceu côr d'anil  
Feitos pela mão de Deus.

Vamos lê-lo devagarinho  
Nos recantos dos pomares  
Onde me darás teu carinho  
E o mais que tiveres para dares.

E assim que amamhecer  
Voltarás para a tua mansão  
Eu levando o prazzer,  
E tu o meu coração!

Luiz Rego Sepulveda.

# A tabela



— Qué? A quinze tostões o litro? A tabela marca nove tostões!  
— Isso é o azeite para tempêro, mas este serve também para purgante...